

O TIRO CIVIL

Orgão dos Atiradores Civis e Caçadores Portuguezes

PROPRIETARIOS: — ANSELMO DE SOUZA e PALERMO DE FARIA

Publicações	
Anuncios, cada linha, typo commum.	20 réis
Comunicado	60 »
Reclamos	100 »
Artigos	200 »

Quinta feira 24 de dezembro de 1896

Assignaturas	
Lisboa, série de 12 numeros	300 réis
Provincias, séries de 24 numeros	600 »
Numero avulso	50 »
Paizes da união postal, 24 numeros	1.000 »

RESUMO

Gymnastica e esgrima. — Associação dos Atiradores Civis Portuguezes. — Carreira de tiro. — Armadilhas e ratoeiras. — A narceja, por H. OLIVEIRA. — Pensando em caça. — Um caçador emerito. — E' Huberto ou Humberto?, por B. DE SA. — Associação Protectora da Caça em Tempo Defeso. — Carta, por J. M. R.

GYMNASTICA E ESGRIMA

PUBLICAMOS em seguida o requerimento, ha pouco entregue no Ministerio do Reino, em que os directores de quasi todos os collegios da capital e o director fundador da Academia d'Armas de Lisboa, o sr. Manoel Cid, pedem que se determine definitivamente que, o ensino da gymnastica e esgrima, seja incluído no ensino elementar e secundario.

Desde a fundação d'este modesto seminario que defendemos esta idéa com o interesse e a tenacidade que temos mostrado sempre pelo desenvolvimento physico a par do intellectual, por não comprehendermos que se attenda apenas ao desenvolvimento do cerebro, como se tem feito, pelo menos na ultima metade d'este seculo. Applaudimos portanto, o requerimento e oxalá seja deferido e attendido como merece e deve ser.

Em o n.º 35 do *Tiro Civil*, publicado em 31 de outubro de 1895, escreviamos:

«Felizmente ao terminar d'este seculo tão fecundo em acontecimentos extraordinarios, surge no horizonte uma theoria nova, um systema mais completo, mais perfeito, e tudo nos leva a crer que, o musculo e o nervo, hão de desenvolver-se methodica e parallelamente para assegurar ao homem a posse de toda a sua energia e de toda a sua vitalidade.

«Ao lado das academias e das universidades que espalham a mãos largas o pão do espirito, erguem-se as sociedades de gymnastica e de esgrima, as escolas de natação e de tiro, os clubs de velocipedia, as associações de alpinistas, e todas ellas, ligadas entre si, irmãs gêmeas e filhas de uma só idéa, hão de lançar no seculo que vae chegar, o alicerce firme, robusto e inabalavel da nova era, em que ao lado do desenvolvimento intellectual ha de levantar-se uma geração de valorosos, uma geração de fortes.

«E quando, n'um dia que não estará longe, acreditamol-o, a educação physica fór ministrada nas escolas ao lado da educação moral, quando o preciso e justo meio entre os dois grandes centros de actividade, o nervoso e o muscular, se houver encontrado finalmente, teremos reaquirido a força que o braço perdeu de ha muito e dado ao espirito o vigor que começa a enfraquecer-se.

«A educação physica é, pois, uma necessidade inadiavel, precisamos implantal-a e desenvolvê-la; precisamos dar á criança

que vae entrar na vida o sangue arterial que ha de robustecel-a e com elle a energia que lhe permitirá entrar na lucta.

«Só assim educaremos!»

Como em outubro de 1895 estamos convencidos do que então affirmavamos e portanto acompanhamos com enthusiasmo os signatarios do requerimento que se segue e pomos á sua disposição as columnas do nosso periodico para defendem-o e pedido que dirigiram ao governo, pedido que além de altamente sympathico é em extremo util.

O requerimento é do theor seguinte:

SENHOR

Aos Ministros de Vossa Magestade mereceu a instrução publica especial disvelo.

O methodo do ensino acaba de passar por uma radical e completa remodelação de forma a produzir os mais beneficos resultados n'um futuro não distante.

Não parecerá por isso estranho que os abaixo assignados venham perante Vossa Magestade ponderar a necessidade de que uma tão fundamental reforma seja completada com a criação d'aulas de gymnastica e esgrima.

Se os principios do novo methodo de instrução tendem a dar ao espirito nacional o desenvolvimento e robustez indispensavel, é evidente que a educação physica não contraria, antes reforça taes principios.

O mais scintillante espirito u'um corpo doentio, hade necessariamente produzir um trabalho mil vezes menos util do que produziria, se encontrasse n'um organismo saudavel e vigoroso, um forte auxillar em todos as suas manifestações.

Além d'isso um paiz não precisa só de homens intelligentes, precisa igualmente de cidadãos fortes que saibam resistir nos momentos criticos e que sejam o sustentaculo e a garantia da sua independencia.

E essa saude physica é especialmente facil de consolidar no nosso povo, apto por natureza para todos os exercicios physicos, mas que tem ao mesmo tempo a indolencia meridional para qualquer esforço.

Essa indolencia combate-se tornando-se obrigatorio o ensino da gymnastica e esgrima em todas as escolas; pois que se ao homem já feito é difficil alcançar um grande desenvolvimento de força e agilidade, essa difficuldade não existe na creança.

Em todos os paizes mais adiantados, a educação physica é alvo de especial cuidado dos poderes do Estado tanto como a educação intellectual e moral.

E' pois de esperar que no nosso paiz succeda o mesmo e que a educação nacional se complete tornando-se obrigatoria a gymnastica e a esgrima.

E' o que os abaixo assignados vêem pedir a Vossa Magestade, conscios de que esta representação será bem acolhido por quem tanto se está empenhando pelo desenvolvimento methodico da instrução nacional.

Lisboa 15 de Dezembro de 1896.

Alfredo Carlos Gonçalves dos Santos—Director do Collegio Nacional.

Alfredo d'Amorim Pessoa—Director do Collegio Central.

Barros Prouença—Director da Escola Nacional.

Ernesto Guilherme de Carvalho—Director do Collegio Ernesto de Carvalho.

João José de Figueiredo—Director do Lyceu Polytechnico.

Antonio da Silva Pinto—Director do Instituto Nacional.

Joaquim Caetano da Cunha—Director do Collegio de Nossa Senhora do Resgate.

Eduardo H. Ballard—Director do Instituto Anglo Francez.

Thomaz França—Director do Collegio Universal.

Francisco Antonio Correia—Director do Collegio Lusoz Brasileiro.

Eugenio Moniz—Director do Collegio Arriaga.

Luiz Rodrigues—Director do Instituto Academico.

Francisco Adolpho Coelho—Director da Escola technica Rodrigues Sampaio.

João Maria Baptista Ferreira—Director do Collegio de Nossa Senhora da Conceição.

Jayme Mauerrin dos Santos—Director da Escola Academica.

Fernando d'Oliveira Bello dos Anjos—Director da Escola Lisboense.

João Wagner Russell Junior—Director da Escola Luzoz Brasileira.

Francisco Vayrier—Director do Collegio de Santa Isabel.

Manoel Cid—Director fundador da Academia d'armas de Lisboa.

E. R. M.

Grupo de atiradores civis do Atheneu

No proximo domingo 27 realisa este distincto grupo uma *poule*, na carreira de tiro em Pedrouços.

A *poule* é só entre socios do grupo e os premios são em cartuchos.

A' noute, o sr. capitão Vergueiro, distincto director da carreira de tiro, realisarà uma conferencia sob a utilidade do tiro nacional, nas salas do Atheneu.

Felicitamos os nossos camaradas d'aquella sympathica agremiação pela feliz idéia que realizam, pela propaganda *practica e theorica*, que vão pôr em execução e oxalá que tenham imitadores.

Para a conferencia do sr. capitão Vergueiro foi-nos dirigido um bilhete de convite que agradecemos.

ASSOCIAÇÃO DOS ATIRADORES CIVIS PORTUGUEZES

Sessão da Direcção

Na reunião da direcção realisada no sabbado, 19 do corrente, foram admittidos novos socios e approvados os horarios das aulas de gymnastica, esgrima e theoria de tiro.

Pelo sr. presidente foi apresentada e approvada a proposta da direcção de «Associação Protectora da Caça em Tempo Defeso» para fixar a sua séde na da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes.

A proposta é do theor seguinte: «A Direcção da Associação Protectora da caça em Tempo Defeso propõe á Direcção da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes, dar-lhe o direito de ter a sua séde na casa d'esta ultima mediante as seguintes condições:

«1.ª— O pagamento de 50 réis mensaes por quota cobrada pela Associação, não podendo nunca a totalidade exceder 50% da despeza ordinaria da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes.

«2.ª— A liquidação será feita no fim de cada mez d'accordo entre os dois thesoureiros.

«3.ª— Quando qualquer das associações

queira dar por findo este contracto avisará a outra Associação até 31 de março ou 30 de setembro.

«4.^a—Poderá içar a sua bandeira, quando a tiver, na janella da rua de S. Roque.

«5.^a—Na porta d'entrada da Associação, no 1.^o andar, uma das meias portas terá o titulo da Associação Protectora da Caça em Tempo Defezto.

«6.^a—Ser-lhe-ha cedido um gabinete para reuniões da Direcção, que será reservado unicamente nas sessões d'esta, ou quando fôr necessario para quaesquer trabalhos.

«7.^a—Para todos os effeitos os socios da Associação Protectora da Caça em Tempo Defezto tem direitos eguaes aos da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes no que diz respeito á sede.»

Resolveu-se que esta proposta fosse apresentada na proxima assembléa geral, afim de ser dada depois para ordem da noite da seguinte e discutida.

Pelo sr. Palermo de Faria foi lida a copia d'um requerimento feito a El-Rei e entregue no ministerio do reino, requerimento de que são signatarios os directores dos principaes collegios de Lisboa e o sr. Manoel Cid professor de esgrima e fundador da Academia d'armas de Lisboa, em que se pede para ser incluído no programma dos lyceus o ensino da gymnastica e da esgrima.

O sr. Palermo de Faria propoz que se lançasse na acta das sessões de direcção um voto de louvor aos signatarios do requerimento e um voto de congratulação pelo feliz pensamento apresentado. A direcção approvou unanimemente esta proposta.

O requerimento a que nos referimos é o que publicamos em o nosso artigo principal.

Não havendo mais nada de que tratar encerrou-se a sessão eram 10 horas da noite.

Assembléa geral

Para cumprimento do artigo 21.^o dos novos estatutos—Eleição dos corpos gerentes—reuniu no dia 23 do corrente a assembléa geral sob a presidencia do sr. José Martinho da Silva Guimarães, sendo secretarios os srs. Eduardo Rodrigues da Costa e Antonio Joaquim Rodrigues.

Lida e approvada a acta da sessão antecedente foi dada a palavra ao sr. Palermo de Faria, presidente da Direcção, que em nome d'esta propoz que fosse proclamado presidente honorario o sr. conselheiro José Estevão de Moraes Sarmiento, actual ministro da guerra, em attenção aos serviços prestados por este illustre official á Associação e ao tiro civil.

O sr. Palermo de Faria, em breves palavras, mostrou a justiça da proposta que nada mais representava do que uma homenagem prestada ao sr. conselheiro Moraes Sarmiento de quem muito havia a esperar em favor do tiro nacional, attentas as excepcionaes aptidões d'um dos mais illustrados e estudiosos officiaes do nosso exercito.

A proposta foi votada por unanimidade.

Em seguida foi lida a proposta da «Associação Protectora da Caça em Tempo Defezto», ficando sobre a mesa para ser dada para ordem da noite na proxima reunião da Assembléa geral.

Não havendo quem pedisse a palavra entrou-se na ordem da noite—Eleição dos corpos gerentes—sendo a sessão interrompida por dez minutos.

Passou-se depois á eleição que deu o seguinte resultado:

Assembléa geral. Presidente, o sr. José Martinho da Silva Guimarães; vice-presidente, o sr. Raul Mesnier de Ponsard; 1.^o secretario, o sr. Eduardo Rodrigues da Costa; 2.^o secretario, o sr. G. Correia Pinheiro; 1.^o vice-secretario, o sr. Luiz Correia Saraiva; 2.^o vice-secretario, o sr. João Moraes Carvella.

Direcção. Effectivos—Presidente, o sr. José Francisco Palermo de Faria; 1.^o secretario, o sr. Anselmo de Souza; 2.^o secretario, o sr. Claudio Castelbranco; thesoureiro, o sr. João Consiglieri Pedroso; vogaes, os srs. Prospero Ribeiro Chaves Meyrelles, Joaquim Praga Pery de Linde e Joaquim de Sousa Padesca. Supplentes os srs. Eduardo de Freitas; Gonçalves Santhiago e José Ayres.

Conselho fiscal. Presidente o sr. Luiz Wasa Cesar d'Andrade; vogaes, os srs. Manoel José de Magalhães, Lucas da Silva. Substitutos. Os srs. Manoel Rodrigues Formosinho e Arthur Moreira de Sá.

Não havendo mais nada de que tratar encerrou-se a sessão eram 10 horas da noite.

CARREIRA DE TIRO

No domingo 20 do corrente, dispararam-se 630 tiros com os seguintes resultados:

	Disp.	Acc. t.
Alvo a 100 ^m , normal.....	110	77
» » 200 ^m , fig. de joelhos....	90	24
» » 300 ^m , circular.....	120	31
» » 300 ^m , normal.....	240	137
» » 400 ^m , normal.....	70	42
Total...	630	381

Associação dos Atiradores Civis Portuguezes

Os socios d'esta Associação fizeram 340 tiros com o seguinte resultado:

	Disp.	Acert.
Alvo a 100 ^m normal.....	20	18
» » 200 ^m fig. de joelhos....	70	22
» » 300 ^m circular.....	80	23
» » 300 ^m normal.....	100	62
» » 400 ^m normal.....	70	42
Total...	340	167

Matricularam-se de novo na carreira os srs. José Joaquim de Azevedo Brito Chaves, de 17 annos, natural de Lisboa, estudante; Carlos Xafredo, de 24 annos, natural de Lisboa, empregado no commercio; Manoel Francisco Cardoso d'Almeida, de 24 annos, natural de Lisboa, empregado no commercio; Joaquim Ignacio Barcellos Junior, de 20 annos, natural de Lisboa, soldado de cavallaria n.^o 2; Guilherme Leite, de 18 annos, natural do Rio de Janeiro empregado no commercio.

ARMADILHAS E RATOEIRAS

O nosso collega o *Seculo*, noticiava ha dias que para Alcacer do Sal tinha sido enviada uma porção d'aquelles nojentos instrumentos e nós procurando averiguar o que a tal respeito havia, conseguimos apurar o seguinte:

Ha tempos em roda da Tapada Real foram n'uma só noite armadas umas cento e tantas ratoeiras, mas havendo d'isso noticia organisou-se mesmo de noite uma batida dos *dignissimos caçadores de ratoeira*, que não poudo dar resultado por causa dss falsas informações que uma mulher deu aos individuos empenhados em agarrar os taes *caçadores*.

Apesar de terem escapado e terem podido fugir com as ratoeiras, os taes *caçadores* começaram, ao que parece, a perceber que as posturas sobre caça estavam em via de execução e para se tirarem de duvidas alguns d'esses figurões procuraram o digno administrador do concelho

de Villa Viçosa pedindo lhes dissesse se era realmente prohibido caçar com ratoeiras.

Perante a resposta affirmativa de s. ex.^a os homensinhos entenderam que deviam levantar vôo e de facto ha poucos dias despacharam na estação de Extremoz duzentas e tantas ratoeiras com destino a Villa Nova da Baronia e provavelmente de lá iriam, como disse o nosso collega, para Alcacer de Sal.

Podemos tambem informar os nossos leitores de que não é este o unico facto do mesmo genero passado no alludido concelho.

Em Pardaes povoação proxima de Villa Viçosa vivia um tal fabricante tambem uzeiro e vezeiro no emprego de ratoeiras pois o digno administrador convenceu o homensinho a mudar de officio e segundo guardamos actualmente é elle um dos guardas do lavrador d'Oliveira o sr. Felisberto Mira.

Registamos com prazer estes factos que mais uma vez nos provam haver ainda por esse paz auctoridades dignas de o serem e que alguma cousa vale tambem a iniciativa das collectividades particulares como a que n'essa villa lucta comnosco em prol dos interesses nacionaes no que respeita a caça e ao tiro civil.

Os srs. *caçadores* em numero de nove terão a estas horas chegado ao seu destino e recomeçado talvez as suas proezas sem que algum os tenha incommodado mas por honra das auctoridades do paz a quem aqui os apontamos e atrevemos-nos a esperar que em parte alguma lhes darão quartel.

A NARCEJA

PEUQUENA, leve, agil, cortando o ar em zig-zags, a narceja é a rainha da caça aquatica de arribação, como o pato é o rei.

Voa sempre contra o vento com incrível rapidez, e muitas vezes tenho visto caçadores experimentados seriamente arrelhiados com o insuccesso dos seus tiros.

Entre a narceja e a gallinhola ha uma acentuada semelhança de formas, mas os habitos d'estas duas vesitenses das nossas regiões, são diametralmente oppostos; uma prefere as regiões pantanosas e alagadiças; enquanto que a outra escolhe os bosques e as mattas, ambas nos chegam no inverno (geralmente em novembro), a gallinhola vem com o frio e secco, a narceja com a humidade e chuva; a primeira tem o vôo brando, sem energia, a menos que não tenha sido já muito atirada, a segunda voa com energia, passa na pontaria como um relampago na atmosphera.

A narceja é muito delicada; um bago de chumbo a derruba; um pequeno ferimento lhe é mortal. Foge do calor como do inverno rigoroso; quando gelam as aguas dos lagos e pantanos do meio dia da Europa, seu *habitat* preferido, abriga-se na parte meridional onde os grandes gelos a não perseguem; volta na primavera, mas a calma do estio fal-a de novo emigrar para o norte e para as alturas da Suissa.

A *Gallinago* dos antigos é não obstante a difficuldade que offerece o seu tiro, a caça preferida em certas regiões da França e da Alemanha. Talvez a sua abundancia justifique esta preferencia, tanto mais que os caçadores conhecedores, do seu vôo irregular acham simples o tiro sobre a narceja, dizendo mesmo que é tão simples como o da codorniz se o caçador, caçar com o vento pelas costas e deixan-

do-a endireitar o vôo, atirou a bastante distancia, fiado em que o mais leve ferimento é sufficiente para a matar.

A familia *Herodactyla*, assim chamada por abranger o genero *Ardea* ou *Heron* é muito interessante para os caçadores naturalistas porque além das diferentes especies do genero *Gallinago* comprehende as betardas, a perdiz marinha, os borrelhos, as cegonhas e o *Scolopax* a tão estimada gallinholha. Muitas outras aves, sobretudo maritimas, para nós pouco interessantes, fazem ainda parte da familia *Herodactyla* e portanto da grande ordem zoologica dos Pernaltas. De passagem diremos que o *Heron* é a nossa garça real.

A narseja apparece em Portugal em outubro e novembro conforme o tempo é mais ou menos humido e frio mas não tenho conhecimento que algumas d'estas aves criem nas nossas regiões como acontece com outras aves de arribação.

A melhor epoca para caçar a narseja é em Dezembro e Janeiro, epoca em que aquella pequena ave adquire o seu maximo de nutrição.

A emigração faz-se por bandos e as narsejas não se dispersam senão quando chegam ao local onde vão passar a estação; são muito unidas, e quando uma pousa, geralmente todo o bando se abate sobre o solo alli perto, da mesma forma ao partir quando dá o signal, todas se põem em marcha.

Ha diferentes especies de narsejas; uma a que os francezes chamam *dupla* e que creio ser a narseja real, é bastante maior do que a ordinaria, com o bico relativamente mais pequeno e prefere os prados em que pastam rebanhos, porque é muito gulosa de vermes excrementicios; outra, a narseja *surda* é a mais delicada e de mais fino paladar, não sei o termo porque os caçadores conhecem entre nós esta especie, que deve o cognome de *surda*, á propriedade de se deixar seguir pelos cães e de se coser com o solo de forma tal que engana os caçadores e muitas vezes parte debaixo dos pés sem dar tempo a que o caçador se prepare; tanto uma como outra vóa quasi a direito e é mais facil de matar do que a narseja ordinaria. Esta é a *gallinago scopolacimus*, aquella a *gallinago gallinula* que quasi sempre se encontra muito gorda.

Como a narseja aguenta muito bem o cão, sobretudo se o tempo estiver sombrio ou chuvoso, esta caça offerece bastantes attractivos, por ser abundante e difficil de matar.

Na minha opinião a melhor maneira de atirar á narseja é chofral-a á partida e dobrar o tiro depois de ter endireitado o vôo no caso de a errar no primeiro; no entanto ha caçadores que seguem sempre exclusivamente um ou outro methodo.

H. OLAVRAC.

PENSANDO EM CAÇA

PARA não ficar com remorsos a inquietarem-me a consciencia, consintam-me que eu, por despedida da questão — *A codorniz e o defezo* — escreva meia duzia de palavras sobre o assumpto.

Sabe o mundo inteiro que a codorniz é oriunda d'Africa, d'onde, em certas épocas do anno, em maior ou menor escala, se retira, em procura de melhor, mas temporaria, subsistencia. O que é certo, porem, é que muitas, acclimando-se em Portugal, n'elle ficam até tarde, e ficariam eternamente, se a perseguição do caçador lhes não pozesse, como já disse, termo á vida.

A codorniz, n'estas condições, não deve considerar-se como ave d'arribação, quer se trate d'uma questão cynegetica, quer se trate, mesmo, d'uma questão scientifica.

Vem-nos d'outras paragens codornizes que bem podem merecer o nome de vindicças, porque regressam á sua patria e não tem aqui, no nosso paiz, uma demora prolongada. Deve-se dar o mesmo nome ás outras? A's que abandonam de vez o paiz em que nasceram, o trocam pelo nosso? E que nome devemos dar ás codornizes que nasceram em Portugal onde permanecem até morrerem?

Que os ornithologistas nos respondam. Ora, havendo no paiz uma especie de caça como esta parte, natural d'aqui e parte originaria de estranhas regiões, que nós podemos destrinçar por nos ser isso impossivel, não será mais consentaneo, mais justo, consideral-a toda como nossa do que consideral-a como caça alheia?

De toda a discussão que tem havido ácerca d'esta caça, tenho averiguado que são tres as opiniões dos caçadores a seu respeito.

A primeira, e a mais sensata para mim, é de que a codorniz não deve ser exceptuada do *defezo*; a segunda é de que se deve caçar esta ave em todo o tempo; terceira, que se deve caçar depois de ter creado e se ter desenvolvido, mas somente nas regiões d'onde ella, depois de feita a criação, emigra.

Sobre a primeira e a segunda opinião está dito tudo. Ha ainda alguma coisa que dizer sobre a terceira, e é isso que me obriga a voltar ao assumpto.

A codorniz em Portugal cria em diferentes regiões e em todas ellas, quer ao sul quer ao norte do paiz, se conservam, umas até tarde, outras emigram antes mesmo de completamente desenvolvidas. Não ha região nenhuma onde isto não se dê; não ha região nenhuma, portanto, d'onde a codorniz não emigre.

Em toda a parte, pois se poderia caçar á codorniz, e a condicção de que ella se deve caçar somente nas regiões d'onde emigra, ficaria prejudicada, ou, por outra, a favor dos que pretendem que a caça d'esta ave deve abrir-se quando a da perdiz.

Que a codorniz deve caçar-se quando desenvolvida inteiramente, é outra condicção da opinião terceira como aquella prejudicada: a codorniz só attinge as suas verdadeiras proporções de desenvolvimento depois de mediados d'agosto; portanto, a codorniz não deve matar-se senão depois de ter esse tempo decorrido.

As tres opiniões fundiram-se, por conseguinte, em duas: — que se cace a codorniz em todo o tempo, *unca*; que se cace a codorniz desde fins d'agosto ao fim de fevereiro, *outra*.

Esperamos agora resolução da assembléa geral de caçadores, e depois pela deliberação do tribunal superior que ha de modificall-a ou dar-lhe a sua sancção.

Não sou pelos caçadores do sul contra os do norte, nem sou pelos caçadores do norte contra os do sul; sou pelo direito, pela razão, e não por aquillo que convem a uns e não convem a outros: sou por aquillo que convem a todos, mesmo aquelles que, por supposta conveniencia propria ou por outro qualquer motivo, tem combatido o meu modo de pensar, imaginando, ou querendo convencer os outros, que tenho advogado os meus interesses e os dos caçadores do norte, quando não tenho feito mais do que defender uma demanda em favor de todos, como se provará mais tarde, se, por infelicidade nossa, desaparecer, por causa das codornizes, a caça

toda e nem uma nem outra se encontre, ergo, no paiz.

Proibir que os caçadores saiam de casa acompanhados de cães e munidos d'espíngarda, não me parece das coisas mais difficéis de conseguir; evitar que elles matem as lebres, os coelhos e as perdizes ao exercerem a caça da codorniz, é sem duvida, tarefa tão difficil como impedir que esfaimado lobo, em sitio ermo, sem o testemunho dos olhos de ninguem, lacere appetitoso e desgarrado cordeirinho.

Convençam-se d'isto os caçadores em peso e convençam-se mais de que, exceptuada do *defezo* a codorniz, esta e a outra caça que ainda temos ha de passar a ser tão rara, entre nós, como são raras em mendicantes mãos as libras esterlinas.

E' pouco tudo que se possa imaginar e pôr em pratica para o augmento da caça e melhor cumprimento e p'rfecção das leis que a regem; por isso «arrepíam-se-me as carnes e os cabellos» quando algum produz alvitres e considerações attinentes a desviarem os inexpertos do bom caminho.

Ha pouco, um caçador da Girona, escrevendo sobre a protecção da caça, em um jornal do seu paiz, que se occupa dos interesses venatorios, lamentava que na sua terra, em Saint-Laurent du Médoc, a caça da codorniz, que lá é costume abrir-se em fins d'agosto, se não abrisse um mez mais tarde, por isso que, em fins de setembro mesmo, se encontram codornizes novas em grande numero, que, não podendo ainda livrar-se astutamente dos perdigueiros, claro era que deixava a caça d'ellas de ter, para os filhos de Santo Huberto (sem m), os attractivos que se lhe devem encontrar.

Imagine-se o que diria esse caçador sincero, se, na sua terra, se pedisse uma lei que deixasse matar as codornizes todo o anno ou, mesmo, nos restolhaes, onde, muitissimas, por causa da ceifa dos trigos, nem sequer chegam a concluir n'elles sua postura, mas que vão continuar, não as matando, em outra parte, como nos matos e nos milhos.

Com relação á abertura da caça da codorniz, faço minhas, para ella, em reforço da minha opinião, as considerações apresentadas no numero anterior d'este jornal pelo Ex.^{mo} Sr. Doutor Jayme Ribeiro, e referentes á perdiz, e para ellas, para essa flagrante incoherencia de principios, peço a attenção e raciocinio de todos os caçadores.

O segundo capitulo do seu artigo é todo entretecido d'argumentos em meu favor: as suas considerações sobre o desenvolvimento da perdiz, perfeitamente applicaveis ao desenvolvimento da codorniz; o que s. ex.^a me faz ver a respeito da abertura da caça; o que s. ex.^a diz ácerca da confusão e difficuldade em precisar-se bem as fronteiras da caça das perdizes; o que s. ex.^a escreve opinando que se não deve caçar em tempo de calor asphixiante, o que é o mesmo que dizer que se não deve caçar em junho, julho e agosto; o seu antepenultimo periodo que é, em resumo, tudo quanto eu pretendo, ou entendo, e o contrario de tudo quanto s. ex.^a tem escripto relativamente, porque a logica d'esse abençoado periodo não admitte excepções para especie de caça alguma — tudo que s. ex.^a escreve na segunda parte d'esse seu artigo, é um padrão de gloria para mim, um monumento do sr. Doutor Jayme Ribeiro me erigiu, agora, depois que rezou aquella salutar oração dominical, chamada Padre — Nosso, que Christo ensinou a seus discipulos, e que s. ex.^a, guiado por uma boa estrella, diri-

giu á Divina Providencia para que ella desse vista e claridade aos ceguinhos d'entendimento, e talvez áquelles que, não o sendo, fazem parecer que o são para fins que não são de todos conhecidos.

Ainda bem que o ouviu a Divina Providencia. Graças a Ella, pois, por tão supremo bem, por tão edificante beneficio.

Porto, dezembro de 96.

UM CAÇADOR EMERITO

O filho mais velho de marquez de Ripon, o conde de Grey, caçador desde os 15 annos deu-se ao trabalho de fazer a estatística das suas caçadas e d'esse curioso trabalho resultaram os seguintes dados que são na verdade dignos de menção.

Deu a morte a 316.699 animaes, tendo a média annual, desde 1867 até 1896, de 10.000 cabeças, entre as quaes se contam 111.190 faisões, 89.401 perdizes, 47.468 grouses, 26.417 coelhos, 26.147 lebres, 2.735 gallinholas, 2.077 gallos do matto, 1.393 patos bravos, 381 veados, 186 cabritos, 97 javalis, 45 tordos, 19 antilopes, 12 bufalos, 11 tigres, 2 rhinocerontes e finalmente 8.518 peças de caças diversas, que não lhe parecem dignas de menção especial.

Em 30 annos difficilmente poderá exceder-se este notavel caçador, que reúne a excepçoes aptidões de atirador, excepçoes condições tambem de saúde e robustez.

É HUBERTO OU HUBERTO?

O sr. J. P. que, da forma como se apresenta n'este jornal, é credor de toda a consideração e do maior respeito, não quer que se escreva Huberto em se tratando do nosso santo padroeiro; quer que se escreva Humberto.

Terá razão S. Ex.^a? Parece-me que não.

Nos meus simples escriptos sobre caça, sempre puz Huberto e nunca Humberto, e se tenho feito isso, se tenho feito a comedella ao nome subtrahindo-lhe o *m*, é por ter seguido o exemplo dos mestres e ter estado, como estou ainda, persuadido de que o nosso milagroso santo se chamava Huberto e não Humberto.

Nas minhas notas de santos e homens celebres d'antigos tempos, não vejo nome nenhum de caçador que se possa confundir com o nome de Santo Huberto. Ha n'ellas alguns nomes de santos com a mesma terminação, como Norberto e Lamberto, mas este, posto ter pertencido a um bispo a quem Santo Huberto succedeu no bispado de Maestricht, não se pode confundir com o nome do santo caçador.

Norberto foi tambem santo e caçador antigo; mas com este tambem a confusão não pode dar-se, porque a differença, como a outra, não é pequena na primeira syllaba.

Houve um Humberto, nascido em 1312, delphim de Vienna, que succedeu em 1533 a Guignas VIII, seu irmão, mas creio que este não chegou a santo, nem nunca foi caçador; parece-me que nunca passou d'um guerreiro pusilanime, d'um principe indolente, d'um bom religioso e d'um bom bispo. Não me consta que matasse sequer um chasco ou uma laverca; portanto não podia ser elevado ao grau de patrono dos amadores da caça.

Os srs. Bulhão Pato, Zacharias d'Aça,

Emilio Monteverde, Caetano Roxo, Ernesto Vianna e outros caçadores e, simultaneamente outros escriptores distinctos, escrevem Huberto e não Humberto: os francezes escrevem Hubert e os italianos Huberti, tudo sem *m*. Porque não havemos nós d'escrever Huberto, sendo, de mais a mais, o santo de sangue francez?

Eu nunca vi escrever Humberto, como padroeiro dos caçadores, senão no *Tiro Civil*, e até uma vez me zanguiei por isso com os srs. typographos que, por sua conta, encaixaram no nome do santo o tal *m* que eu nunca lhe puz.

E' possível que o sr. J. P. tenha razão, mas é tambem possível que s. ex.^a esteja confundido.

Não sou agiologo, nem nunca estudei agiographia e não sou, portanto, competente para poder affirmar que o santo em questão se chamava Huberto; o que sei é alguma coisa da sua biographia, muitissimo curiosa para caçadores e mesmo para os que o não são, e é possível, por isso, que um dia, se me derem licença, a transcreva aqui, d'um jornal onde foi, ha annos publicada, resumida, e traduzida por mim.

Antes d'isso sempre gostava de saber se se deve escrever Huberto ou Humberto; por isso levanto aqui esta questão, de conveniencia cynegetica, para que se fique na certeza de como se deve escrever o nome do nosso verdadeiro mestre.

Já uma vez um abbade ou seu coadjutor, d'uma freguezia do Porto, embirrou commigo por eu pôr a um afilhado o nome do nosso padroeiro.

Quería elle, ao fim da força, que o pequeno se chamasse Humberto e não Huberto.

Quando, na sacristia, se tratava dos assentos do neophito, o padre perguntou-me como se devia chamar.

— Huberto, disse eu.

— Humberto, disse o padre.

— Huberto, repeti.

— Humberto, repetiu o padre.

— E' Huberto; sem *m*, repliquei.

— Isso é que não é, diz elle, poisando a penna e arregalando-me os olhos e encrespando-se ou arriçando-se commigo.

— Pois é Huberto, digo-lh'o eu, e quero que seja Huberto e ha de por força ser Huberto.

E se não fosse por elle pertencer á classe ecclesiastica e acharmo-nos em logar tão respeitavel, a coisa tinha tomado o caminho da bordoadá.

N'esta altura, o padre, que era muito novo, senta-se, pois tinha-se levantado, puxa da caixa do rapé, toma uma pitada, e diz para mim, então já socegado:

— Quer que seja Huberto, não é assim?

Pois seja; mas sempre lhe digo que é a primeira vez que escrevo esse nome, se é que é nome, apesar de ter feito centenas de baptisados.

Expliquei-lhe então, ou bem ou mal, e para que me não tomasse por algum neologo, que havia Huberto e Humberto, e que, se dava a preferença áquellê nome, era por se ter chamado assim o padroeiro dos caçadores e cu pertencer á classe dos amadores de caça.

— E então Santo Humberto o que foi? volta o sacerdote.

— Não diga Santo Humberto, tornei-lhe eu — Humberto nunca foi santo.

E o padre, desde então ficou tambem convencido de que Huberto é que era, effectivamente, o santo.

Duas vezes mais, depois d'isto, tenho servido de padrinho de rapazes a quem tenho posto o mesmo nome, e o que é

certo é que da parte dos sacerdotes que têm feito os baptisados não tem havido a mais pequena reluctancia em aceitar o nome de Huberto que nunca deixei de pôr aos afilhados.

Porto, dezembro de 96. B. DE SÁ.

ASSOCIAÇÃO PROTECTORA DA CAÇA EM TEMPO DEFESO

POR ordem do ex.^{mo} sr. presidente da mesa da assembléa geral é esta convocada para o dia 29 do corrente, pelas 8 horas da noite, na séde da associação, travessa da Espera, 8, 1.^o

Ordem dos trabalhos: 1.^o Leitura do alvará de approvação dos estatutos;

2.^o Eleição da mesa, direcção e conselho fiscal, para gerirem os negocios da associação no anno de 1897.

3.^o Leitura e discussão de propostas da direcção.

Lisboa, 21 de dezembro de 1896.

O 1.^o secretario

Antonio Ferreira Fontes

CARTA

Meus caros amigos

TENHO seguido com todo o interesse as noticias publicadas no *Tiro Civil* a proposito do desolvimento que vae tendo a «Associação Protectora da Caça em Tempo Defeso» e confesso-lhes que sinto o maximo desejo de ver essa propaganda espalhar-se por todo o paiz, pois d'outro modo em muito pouco tempo, meia duzia d'annos, se tanto, podemos arrumar as espingardas.

Tenho sahido desde 15 d'agosto umas seis vezes e conto já quatro *grades*, se grade se pôde chamar andar um dia inteiro de espingarda ao hombro sem ter occasião de dar um tiro, e isto em sitios por onde d'antes abundava a caça.

Das duas vezes que fui mais feliz matei uma lebre e duas perdizes n'um dia e no outro um coelho e uma perdiz. Ora para isto não vale a pena a madrugada e a estafa d'um dia inteiro por montes e vales.

Esta escassez de caça não pode ser attribuida senão ás armadilhas e ratoeiras e tambem ao abuso de muitos caçadores que saem no tempo defeso com varios pretextos e vão matando tudo quanto encontram.

Portanto, meus amigos, se a «Associação Protectora da Caça em Tempo Defeso» não consegue que a lei se cumpra e se não tem a força precisa para fazer castigar os criminosos está completamente perdida essa riqueza nacional e posto de parte um dos divertimentos mais uteis e mais hygienicos que se conhecem.

Fundo, pois, as melhores esperanças na Associação e conto que terá o apoio das autoridades, e só assim veremos caça e voltaremos aos antigos tempos.

O meu apoio nada vale, não tenho peso nem importancia alguma, mas se entenderem que posso ser-lhes util e se querem que lhes indique os nomes dos que por estes sitios mais abusaram, não me será difficil fornecer-lhes uma lista menos má dos que caçam por todas as formas e feitos e dos que não tem a menor duvida em se gabar das suas proezas.

Am.^o certo.

Setubal, dezembro de 1896.

J. M. R.

Editor responsavel — Manuel Augusto Pinto

A LIBERAL — Officina typographica
Rua de S. Paulo, 216